



## 02 DE SETEMBRO DE 2015

### Quarta-feira

- CPRB: LEI TORNA OPCIONAL DESONERAÇÃO DA FOLHA E MAJORA ALÍQUOTAS
- USO DA CAPACIDADE INSTALADA DA INDÚSTRIA CAI PARA 78,6%
- BALANÇA TEM SUPERÁVIT DE US\$ 2,689 BILHÕES EM AGOSTO
- VENDAS DE CARROS CAEM 27% EM AGOSTO, EM RELAÇÃO AO ANO PASSADO
- SENADO VOTA PROJETO QUE AUMENTA CONTROLE SOBRE EMPRESAS ESTATAIS
- AMPLIAÇÃO DO SUPER SIMPLES É APROVADA
- SINDICATO DE SERVIDORES DO BC CONVOCA GREVE PARA ESTA QUARTA-FEIRA
- COM VETO A ALÍQUOTA MENOR, DEMISSÕES NO SETOR DEVEM ULTRAPASSAR 100 MIL, DIZ ABIT
- OBVIAMENTE NÃO ESPERAMOS NENHUMA REAÇÃO DA INDÚSTRIA NESTE ANO, DIZ CNI
- EMPREGO NA INDÚSTRIA CAI 0,8% EM JULHO ANTE JUNHO, REVELA CNI
- CNI: USO DA CAPACIDADE INSTALADA REGISTRA MENOR PATAMAR DESDE JANEIRO DE 2003
- EXPORTAÇÃO BRASILEIRA SOFRE COM O ENFRAQUECIMENTO DE VIZINHOS
- PMI INDUSTRIAL DO BRASIL CAI DE 47,2 EM JULHO PARA 45,8 EM AGOSTO, INFORMA MARKIT
- BRASIL SEGUE COMO SÉTIMO MERCADO GLOBAL
- HARMAN INAUGURA FÁBRICA EM MANAUS
- AGRALE DEFINE PREÇOS DA NOVA LINHA MARRUÁ
- SETOR DE ROBÓTICA É UM DOS DESTAQUES DA INTERMACH 2015
- SINDICALISTAS E GOVERNO DEBATEM O PROGRAMA DE PROTEÇÃO AO EMPREGO
- INGERSOLL RAND PARTICIPA DA INTERMACH 2015 E REFORÇA SEU SUPORTE

## LOCAL NA REGIÃO SUL DO BRASIL

- PRODUÇÃO INDUSTRIAL ENCOLHE 1,5% EM JULHO, MUITO ACIMA DO ESPERADO
- FITCH: PREVISÃO DE DÉFICIT PRIMÁRIO DESTACA DIFICULDADE DE CONSOLIDAÇÃO FISCAL DO BRASIL
- PETROBRAS REAJUSTA EM 15% O PREÇO DO GÁS DE BOTIJÃO, DIZ SINDIGÁS
- DONOS DA CSN ENFRENTAM DIFICULDADES PARA REDUZIR ENDIVIDAMENTO DE HOLDING
- FMCOM PROMOVE DEBATE SOBRE O PAPEL DA LIDERANÇA EM TEMPOS DE CRISE
- REAJUSTES SALARIAIS ESTÃO NA MIRA DOS CORTES DO GOVERNO
- PESO DOS ENCARGOS NÃO É JUSTO COM OS TRABALHADORES NEM COM EMPRESÁRIOS
- TRAGÉDIA FISCAL
- PARA A INDÚSTRIA, CHINA FICARÁ MAIS AGRESSIVA NAS EXPORTAÇÕES
- INDÚSTRIA NÃO PODE PARAR DE INVESTIR EM P&D
- DECRETO INSTITUI COBRANÇA DE IOF
- VENDAS DE AGOSTO DA FIAT CHRYSLER NOS EUA CRESCEM 2%
- FIBRIA ANUNCIA EMISSÃO DE R\$ 500 MI EM CRA COM A ECOAGRO
- INDÚSTRIA AUTOMOTIVA ACUMULA QUEDA DE 20,2% NA PRODUÇÃO EM 2015
- PERSPECTIVA DO BRASIL É 'SOMBRIA', AVALIA WELLS FARGO
- NÃO HÁ RISCO DE RACIONAMENTO DE ENERGIA, DIZ ONS
- COMO PREPARAR OS FILHOS PARA HERDAR O SEU NEGÓCIO

<b>CÂMBIO</b>		
<b>EM 02/09/2015</b>		
	<b>Compra</b>	<b>Venda</b>
<b>Dólar</b>	3,740	3,740
<b>Euro</b>	4,203	4,205

Fonte: BACEN

## **CPRB: Lei torna opcional desoneração da folha e majora alíquotas**

02/09/2015 – Fonte: COAD

Foi publicada, em Edição Extra do Diário Oficial de 31-8, a [Lei 13.161](#), de 31-8-2015, que altera, dentre outras normas, a Lei 12.546/2011, que dispõe sobre a CPRB – Contribuição Previdenciária sobre a Receita Bruta e a Lei 12.780/2013, que trata das medidas tributárias referentes à realização, no Brasil, dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016.

A seguir destacamos:

### **Desoneração da Folha de Pagamento**

- a partir de dezembro/2015, a CPRB das empresas que desenvolvam as atividades enquadradas na Lei 12.546/2011 passa a ser facultativa;
- a opção pela tributação substitutiva será manifestada mediante o pagamento da CPRB relativa a janeiro de cada ano, e, excepcionalmente, para o ano de 2015, será manifestada mediante o pagamento da CPRB relativa a novembro/2015;
- aumenta, a partir de 1-12-2015, de 2% para 4,5% a alíquota de CPRB, exceto para as empresas de call center, transporte rodoviários, ferroviários e metroviários de passageiros, que contribuirão com a alíquota de 3%;
- majora, a partir de 1-12-2015, de 1% para 2,5%, a alíquota de CPRB, exceto para as empresas de transporte aéreo e marítimo de passageiros; do setor de transporte de cargas; de operadores de portos; empresas jornalísticas, de rádio e de TV; do setor calçadista; e do setor de confecções, que contribuirão com a alíquota de 1,5%, e para as empresas fabricantes do setor de carnes, peixes, aves e misturas e pastas para a preparação de produtos de padaria, pastelaria e da indústria de bolachas e biscoitos, que serão tributadas com 1% da receita bruta;
- fica mantida a CPRB à alíquota de 2% para as empresas do setor de construção civil, enquadradas nos grupos 412, 432, 433 e 439 da CNAE 2.0, até o encerramento das obras.

### **Jogos Olímpicos e Paraolímpicos 2016**

- estende a isenção dos tributos federais para as importações de embarcações destinadas à hospedagem de pessoas que atuarão na organização e execução dos eventos;
- estabelece que deverão constar nas notas fiscais relativas às aquisições de produtos nacionais beneficiadas com a isenção do pagamento do IPI ou suspensão, as seguintes expressões: 'Saída com isenção do IPI'; 'Saída com suspensão do IPI', com a especificação do dispositivo legal correspondente, vedado o registro do imposto nas referidas notas.

### **Revogação de regime especial**

- revoga, com efeitos desde 1-5-2015, o regime especial para importações de embalagens para acondicionamento de água e refrigerante, conforme dispunha os artigos 52 a 54 da Lei 11.196/2005.

## **Uso da capacidade instalada da indústria cai para 78,6%**

02/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

A indústria brasileira nunca trabalhou tão ociosa como no mês passado. A utilização da capacidade instalada ficou em 78,6% em julho, o menor patamar da série histórica da Confederação Nacional da Indústria (CNI), que começou em janeiro de 2003.

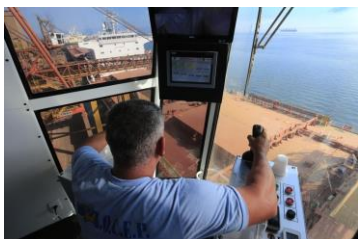
Em junho, as empresas usavam 79,5% da sua capacidade de produção, enquanto que em julho de 2014 era de 81,5%.

O faturamento da indústria teve queda de 0,2% em julho na comparação com junho e recuou de 6,7% em relação a julho de 2014.

Já o emprego recuou pelo sexto mês consecutivo, ao cair 0,8% em julho ante junho. Na comparação com julho de 2014, a queda foi de 6,3%.

## Balança tem superávit de US\$ 2,689 bilhões em agosto

02/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo



A balança comercial brasileira registrou um superávit de US\$ 2,689 bilhões em agosto, resultado de US\$ 15,485 bilhões em exportações e US\$ 12,729 bilhões em importações. No acumulado do ano, o saldo ficou positivo em US\$ 7,297 bilhões.

Os embarques realizados nos oito primeiros meses de 2015 somaram US\$ 128,347 bilhões, enquanto os gastos no exterior atingiram US\$ 121,050 bilhões. Os números foram divulgados nesta terça-feira (1) pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Assim como vem ocorrendo ao longo dos últimos meses, não há melhora da performance exportadora brasileira. Ao contrário, as vendas externas de agosto caíram 24,3% ante o mesmo mês de 2014.

Porém, as importações estão caindo mais, diante da forte elevação do dólar: 33,7% em igual período de comparação. No ano, as exportações decresceram 16,7% e as compras externas, 21,3%. Desde janeiro, a moeda americana registra uma valorização de quase 40% frente ao real.

No mês passado, houve queda nas exportações das três principais categorias de produtos: básicos (25,3%), semimanufaturados (15,3%) e manufaturados (24,8%). Com reflexo da redução das cotações das commodities, as vendas de farelo de soja caíram 49,3%; de minério de ferro, 49,1%; fumo em folha, 28,1%; e carne bovina, 24,3%.

Também houve redução acentuada nas exportações de óleos combustíveis, açúcar refinado, veículos de carga e ferro fundido.

Da mesma forma, diminuíram as compras no exterior dos principais grupos da pauta, devido ao desaquecimento da atividade econômica.

As importações de combustíveis e lubrificantes decresceram 64,9%; de matérias-primas e intermediários 32,8%; de bens de consumo (21,5); e de bens de capital, 21,5%.

### **Destinos**

Por ordem decrescente, os cinco principais destinos de produtos brasileiros em agosto foram China, Estados Unidos, Argentina, Países Baixos e Japão. Na outra ponta, os maiores fornecedores de bens para o Brasil foram China, EUA, Alemanha, Argentina e Espanha.

## **Conta petróleo**

Com a melhora do saldo acumulado no ano, o déficit em conta petróleo, que é a diferença entre a exportação e a importação de petróleo e derivados, diminuiu de US\$ 10,878 bilhões em 2014 para US\$ 3,210 bilhões em 2015.

## **Vendas de carros caem 27% em agosto, em relação ao ano passado**

02/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

As vendas de automóveis e comerciais leves no país continuam ladeira abaixo. Segundo dados do Registro Nacional de Veículos Automotores (Renavan), em agosto foram licenciados 200.174 unidades, queda de 8,9% em relação a julho, quando foram comercializados 219.410 veículos.

No comparativo com agosto do ano passado a queda foi mais expressiva, de 26,9%– no mesmo mês de 2014 foram licenciadas 259.110 unidades.

O presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan, disse que o mês de agosto teve estabilidade nas vendas diárias em relação a julho. Pelos dados do mês, foram 21 dias de negócios, com 9.532 carros vendidos ante 9.554 em julho.

“O volume de vendas total ainda reflete queda, mas a média diária está estável. Isso é bom para o mercado. Acredito numa recuperação somente no final do terceiro trimestre do ano que vem”, disse Moan.

## **Senado vota projeto que aumenta controle sobre empresas estatais**

02/09/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

O Senado deve votar nesta quarta-feira (2) projeto de lei que aumenta os controles sobre as contas de empresas estatais e as exigências para nomeações de integrantes das diretorias e conselhos administrativos dessas companhias.

O projeto integra a Agenda Brasil, proposta pelo presidente da Casa, Renan Calheiros (PMDB-AL), para estimular a economia brasileira. “São medidas interessantes, mas teóricas. Precisamos cobrar que sejam implementadas”, avalia Gil Castelo Branco, diretor da ONG Contas Abertas.

O projeto reúne propostas que já tramitavam no Senado, apresentadas pelos senadores Tasso Jereissati (PSDB-CE) e Aécio Neves (PSDB-MG).

O relator da comissão mista da Câmara e do Senado, deputado federal Arthur Maia (SD-BA), também incorporou ao texto o anteprojeto apresentado por Renan e pelo presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ).

Uma das novidades é a exigência de que os indicados para os conselhos de administração e diretorias das estatais tenham experiência profissional mínima de dez anos na área da empresa, além de atuação profissional de dois anos em cargo de direção em empresa do mesmo porte e formação acadêmica compatível com o cargo.

“A proposta tenta moralizar as indicações para os conselhos de administração e diretorias, tornando mais rígida as indicações para preenchimento desses cargos”, diz Castelo Branco.

Se o projeto for aprovado no Senado e depois na Câmara, as novas normas serão aplicadas a toda empresa pública e sociedade de economia mista da União, dos estados e dos municípios – inclusive as que prestam serviços públicos.

De acordo com a proposta, os conselhos de administração das estatais deverão contar com, pelo menos, 20% de membros “independentes”. O texto veta a nomeação de representantes sindicais e partidários, além de parentes de dirigentes do Executivo e da própria empresa.

Tivemos uma série de escândalos nas barbas dos sistemas de controle das estatais. Essa medida pode evitar que as coisas saiam do controle da administração. Gil Castelo Branco, diretor da ONG Contas Abertas.

“É interessante eliminar a possibilidade de preencher esses cargos com lideranças partidárias, para evitar que prevaleça o interesse do governo ou do partido”, opina Castelo Branco.

Ele considera que medidas como as desse projeto dificultariam os desvios na Petrobras, por exemplo. “Sem dúvida, pelo menos parte do dano à Petrobras poderia ter sido evitado.”

O diretor da ONG também considera positiva a determinação de que estatais e empresas de economia mista estabeleçam comitês de auditoria, com estrutura para receber denúncias.

“Tivemos uma série de escândalos nas barbas dos sistemas de controle das estatais. Essa medida pode evitar que as coisas saiam do controle da administração.”

## **Ampliação do Super Simples é aprovada**

02/09/2015 – Fonte: O Estado de S. Paulo



O plenário da Câmara aprovou na noite desta terça-feira o texto-base do projeto de lei complementar que amplia os benefícios do Simples Nacional, também conhecido como Super Simples, a partir de 2017.

Destaques ao texto devem ser votados nesta quarta-feira. Todos os partidos orientaram suas bancadas a votar favoravelmente ao projeto. Foram 417 votos a favor apenas dois votos contrários ao texto.

O Super Simples é um regime tributário especial que permite o pagamento, em uma única guia, de oito impostos. Hoje, o limite de enquadramento das microempresas no regime especial de tributação é de R\$ 360 mil. Com a proposta, o limite da receita bruta anual máxima permitida é de R\$ 900 mil.



Se atualmente, empresas de pequeno porte podem faturar até R\$ 3,6 milhões por ano para participar do programa, com a mudança, o teto passa para até R\$ 7,2 milhões. No caso das indústrias, o teto atual é de R\$ 7,2 milhões e, com o projeto, passa para R\$ 14,4 milhões. Esse teto dobra se a indústria trabalhar com exportação.

O projeto também incluiu no regime tributário especial microcervejarias, vinícolas, produtores de licores e destilarias que sejam produtoras artesanais. O texto permite ainda que pessoas físicas façam empréstimos diretos a micro e pequenas empresas sem necessidade de intermediação do Banco Central. O controle, caso o projeto seja aprovado, será feito em balanço mensal à Fazenda.

Confronto. 'Nossos argumentos prevaleceram', diz Afif.

O governo articulou para que as alterações só comecem a valer, de forma escalonada, a partir de 2017, e não de 2016, como previa o texto original.

Há divergências entre o tamanho do impacto nos cofres públicos. Pelas contas do ministro da Micro e Pequena Empresa, Guilherme Afif Domingos, a perda é de R\$ 3,9 bilhões ao ano. Esse montante, segundo o ministro, é compensado pela falta de correção da tabela do Simples Nacional pela Receita Federal (R\$ 1,9 bilhão) e pelo aumento da formalização (R\$ 2 bilhões). Para a Receita Federal, o impacto é de R\$ 11,43 bilhões.

Mesmo com a aprovação, a polêmica entre Afif e o secretário da Receita, Jorge Rachid, não cessou. Rachid avaliou o projeto como prejudicial ao equilíbrio fiscal do País. "Vamos tentar reverter no Senado", disse.

Segundo o secretário, o atual limite já é um dos maiores em vigência no mundo. Ele diz que a proposta também contém outras matérias extremamente "danosas para o País". Citou como exemplo a autorização para que empresas produtoras de bebidas alcoólicas artesanais gozem de benefícios.

Outra medida é a permissão para que sociedades simples de crédito possam optar pelo Super Simples. Na sua avaliação, essa permissão oficializa a agiotagem, prevendo tributação extremamente favorecida, sem regulamentação do BC.

"Separe governo da Receita", reagiu Afif. "Normalmente, eles são contra qualquer projeto que simplifique muito. Eles têm os argumentos deles e nós temos os nossos. Os nossos prevaleceram."

## **Sindicato de servidores do BC convoca greve para esta quarta-feira**

02/09/2015 – Fonte: EM.com

A regional do Distrito Federal do Sindicato Nacional dos Funcionários do Banco Central (Sinal-DF) atribuiu nesta terça-feira, 1, a piora das condições e remuneração dos servidores da autarquia à perda de poder da instituição.

"O BC está sendo desmontado. Não só perdendo status de ministro, mas também toda sua autonomia, de poder de transformação da sociedade. Essa luta não é só pelo salário, é pela importância da nossa carreira", disse a presidente do Sinal DF, Rita Girão.

A sindicalista fez essa avaliação durante paralisação de uma hora que ocorre hoje, assim como foi feito ontem também. Amanhã, dia de decisão sobre o rumo dos juros pelo Comitê de Política Monetária (Copom), está previsto o dia inteiro de greve.

Na sexta-feira passada, durante assembleia, foi acordada essa estratégia de paralisação. Servidores recusaram a proposta de fazer greve por tempo indeterminado. O BC não se manifesta sobre a paralisação.

Questionada pelo Broadcast, serviço de notícias em tempo real da Agência Estado, sobre a contradição entre os funcionários pedirem aumentos salariais e inclusão de bônus em um momento em que o BC tem encontrado dificuldades de conter a alta da inflação, Rita argumentou que esse problema não é apenas da autarquia.

"A inflação vem justamente pela falta de autonomia do Banco Central e o problema da inflação não é só do BC. Vários incentivos foram concedidos e isso volta como mais inflação", alegou.

A sindicalista lembrou também que a instituição soube administrar a crise financeira internacional de 2008 e 2009. "Saímos de uma conjuntura internacional muito grave e essa crise agora tem muito menos impacto.

O BC não pode receber todo o ônus da inflação", afirmou. Entre os pedidos do Sinal estão equiparação salarial entre analistas e procuradores do BC, restabelecimento da proporção de 50% entre subsídio técnico e de analista e inclusão do "bônus de desempenho" na estrutura remuneratória.

"Estamos sabendo que, além de manter a distorção, carreiras como a dos procuradores, da AGU e a Receita Federal estão negociando bônus de produtividade, de arrecadação, de incumbência. É o momento de a gente falar para a imprensa, para a sociedade, que nós também somos importantes", disse Rita para os trabalhadores que aderiram à paralisação.

### **Mágica**

Para amanhã, o Sinal propôs um dia inteiro de atividades artísticas na frente da sede da instituição e oferecerá lanches ao longo de toda a quarta-feira também. Pela programação, haverá show musical por três horas na parte da manhã. À tarde, das 14h às 16h, está marcado show com a cantora Vanessa Porto.

Das 16 às 18h, está previsto um show de mágica e, a partir das 18 horas, uma trupe de teatro vai caracterizar o desmonte da instituição, encenando o enterro do Banco Central.

"Dá um friozinho na barriga, a gente é muito tradicional e vamos revolucionar para termos um rendimento grande", disse Rita ao microfone. "Vai estar cheio de imprensa aqui amanhã por causa do Copom e temos que fazer barulho."

### **Com veto a alíquota menor, demissões no setor devem ultrapassar 100 mil, diz Abit**

02/09/2015 – Fonte: EM.com

A decisão da presidente da República, Dilma Rousseff, de excluir o setor têxtil do grupo de segmentos da economia que terá aumento menor de impostos no processo de "reoneração" da folha de pagamento, deve afetar 28 mil confecções no País e fazer as demissões no segmento ultrapassar as 100 mil vagas em 2015, de acordo com a Associação Brasileira da Indústria Têxtil (Abit).

Em decisão publicada no Diário Oficial da União desta segunda-feira, 31, a presidente vetou uma alíquota diferenciada, de 1,5%, para o recolhimento de impostos sobre a folha de pagamento do setor têxtil. Dessa forma, a alíquota que incidirá sobre as empresas do segmento passa de 1,0% para 2,5%.



A Abit projetava que, se fossem incluídos entre os segmentos com alíquotas menores, as confecções e empresas têxteis do País encerrariam o ano com fechamento de 100 mil postos de trabalho. Agora, com uma carga tributária maior, a instituição ainda não sabe estimar em quanto este número deve crescer.

A entidade destaca que, pelos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), o setor já fechou 24 mil postos de trabalho nos sete primeiros meses do ano. No acumulado dos 12 meses até julho, as demissões superam as contratações em 61 mil, diz a Abit.

No primeiro semestre de 2015, o setor têxtil registrou quedas de 8,9% na produção de tecidos e de 10,2% na de roupas e um recuo de 5% no volume de vendas, com retração de 1,8% na receita nominal, todos na comparação com igual período de 2014, informa a Abit.

### **Obviamente não esperamos nenhuma reação da indústria neste ano, diz CNI**

02/09/2015 – Fonte: EM.com

Após a divulgação dos indicadores de agosto, a indústria brasileira não tem mais esperança na retomada da atividade em 2015 e agora aposta na "estabilização" da recessão para tentar voltar a crescer em 2016. A avaliação é do gerente-executivo de Política Econômica da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Flávio Castelo Branco.

"Obviamente não esperamos nenhuma reação mais forte nesse ano de 2015, talvez possamos no fim do ano ter uma estabilização desse mergulho recessivo e uma gradual melhora em 2016, que ainda vai depender de muitas variáveis", disse.

De acordo com a pesquisa divulgada nesta terça-feira, 1, em julho o nível de capacidade instalada na indústria brasileira ficou em 78,6% ante 79,5% registrados em junho, na série dessazonalizada.

Com o recuo de 0,9 ponto porcentual na variação mensal, o indicador registrou o menor patamar para a série histórica, que começou em janeiro de 2003. Em julho de 2014, a utilização da capacidade instalada era de 81,5%.

Já o faturamento da indústria teve queda de 0,2% em julho na comparação com junho e recuou de 6,7% em relação a julho de 2014. No acumulado dos sete primeiros meses do ano, o faturamento real da indústria caiu 6,5% ante o mesmo período de 2014.

Para Castelo Branco, para que a economia brasileira reaja é preciso que a indústria e os empresários retomem a confiança e voltem a investir.

"Em 2015, temos uma queda de investimento bastante expressiva. Precisamos mudar o ambiente macroeconômico para que as expectativas melhorem, mas o horizonte ainda é bastante turvo", afirmou.

O economista disse ainda que o Orçamento de 2016, apresentado ontem pelo governo ao Congresso, com a expectativa de déficit, mostra que a situação fiscal do País é "ainda mais grave do que antes".

"Um déficit fiscal no Orçamento significa uma dificuldade maior em reverter o quadro de baixa confiança", disse. "Para ter melhora na economia é preciso ter estabilidade na economia e nas contas públicas", afirmou.

Castelo Branco reafirmou que o governo tem que buscar adequar seus gastos, mas sem punir ainda mais a sociedade com aumento de tributos.

"Aumento de tributação só implicaria em aumento de custos, seria mais uma transferência dos custos", disse. "Assim como os indivíduos, o governo tem que adequar seus gastos a sua receita."

### **Câmbio, inflação e juros**

A recente alta do dólar, que ajuda os exportadores, pode ser uma "janela de saída" para a indústria e para a economia brasileira, na avaliação de Castelo Branco, mas esse efeito ainda deve demorar um pouco para acontecer.

"O câmbio ajusta aquilo que chamamos de custo unitário do trabalho em moeda estrangeira, esse custo unitário vai cair e aí o produto brasileiro vai ficar mais competitivo, mas isso demora um tempo, não é algo imediato", disse.

O economista ressaltou ainda que o câmbio não pode ser visto "como uma varinha mágica" que pode resolver os problemas da indústria. "Temos outras dificuldades na economia brasileira, que são sistêmicas", disse.

"Além disso, temos um movimento de desvalorização das moedas, como no caso da China, por exemplo, que faz com que a competição no comércio internacional seja maior."

Para Castelo Branco, a situação macroeconômica atual exige cuidados com as variáveis do chamado tripé. Segundo ele, a reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central, que acontece nesta semana, vai ser "bastante delicada".

"Ambiente recessivo é muito grave, a inflação tem mostrado resistência e precisa ser controlada", disse. "Vejo o BC no fio da navalha", afirmou o economista, que acredita que a autoridade monetária manterá a Selic em 14,25% ao ano. "O BC tem que ser cuidadoso."

## **Emprego na indústria cai 0,8% em julho ante junho, revela CNI**

02/09/2015 – Fonte: EM.com

Com a retração na atividade e o aumento da ociosidade no País, as indústrias brasileiras continuam demitindo, de acordo com os indicadores industriais divulgados nesta terça, 1, pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

De acordo com a pesquisa, o emprego recuou pelo sexto mês consecutivo, ao cair 0,8% em julho ante junho, na série dessazonalizada. Na comparação com julho de 2014, a queda foi de 6,3%. Já no acumulado do ano, o recuo do emprego foi de 4,9% ante os sete primeiros meses do ano passado.

A diminuição do mercado de trabalho atingiu a massa salarial e o rendimento dos trabalhadores. Segundo a pesquisa, a massa salarial real teve redução de 2,5% em julho ante junho, na série dessazonalizada, e caiu 7,4% ante junho de 2014. No acumulado dos sete primeiros meses do ano, a massa salarial real teve queda de 4,7% ante o mesmo período de 2014.

O rendimento médio real caiu 1,6% em julho ante junho e teve redução de 1,2% em julho ante o mesmo mês de 2014. No acumulado do ano, entretanto, o rendimento médio real apresenta uma ligeira alta, de 0,2%, na comparação com os primeiros meses de 2014.

As horas trabalhadas na produção caíram 2,3% em julho ante junho, a sexta redução seguida no indicador. Na comparação com julho de 2014, a queda é ainda mais

expressiva: 10,9%. Já no acumulado do ano, as horas trabalhadas na produção caíram 9% ante janeiro a julho do ano passado.

### **CNI: Uso da capacidade instalada registra menor patamar desde janeiro de 2003**

02/09/2015 – Fonte: EM.com

O nível de capacidade instalada na indústria brasileira ficou em 78,6% em julho ante 79,5% em junho, na série dessazonalizada, de acordo com os indicadores industriais divulgados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) nesta terça-feira, 1.

Com o recuo de 0,9 ponto porcentual na variação mensal, o indicador registrou o menor patamar para a série histórica, que começou em janeiro de 2003. Em julho de 2014, a utilização da capacidade instalada era de 81,5%.

O faturamento da indústria teve queda de 0,2% em julho na comparação com junho e recuou 6,7% em relação a julho de 2014.

No acumulado dos sete primeiros meses do ano, o faturamento real da indústria caiu 6,5% ante o mesmo período de 2014.

### **Exportação brasileira sofre com o enfraquecimento de vizinhos**

02/09/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo

O baixo crescimento da América Latina é negativo para a indústria brasileira, que tem na região seu principal consumidor. Um em cada quatro itens industriais exportados pelo país vai para a América do Sul.

No ano passado, segundo estudo da CNI (Confederação Nacional da Indústria), a exportação chegou ao nível mais baixo em sete anos.

Para os industriais brasileiros, mais do que a crise internacional e o efeito China, a perda de mercado é resultado de falhas domésticas.

"Os acordos comerciais que nós tínhamos ficamos parados no tempo, não acompanharam as negociações que os países fizeram com outros parceiros", diz Carlos Eduardo Abijaodi, diretor da CNI.

Segundo ele, além das barreiras tarifárias, o Brasil deve negociar investimentos, serviços e compras governamentais com os vizinhos, para ter acesso aos seus mercados.

"Temos que parar de nos preocuparmos com as importações e focarmos nas exportações. A produção está mais globalizada, se fugirmos disso vamos ficar fora."

A CNI detectou que a indústria brasileira perdeu vendas principalmente de tratores e pneus no Paraguai, produtos de aço e máquinas agrícolas na Bolívia e autopeças no Uruguai. E sugere que novas frentes possam ser a venda de peças, óleo de soja e automóveis para Chile e Peru.

Temos que trabalhar para recuperar mercados que foram nossos", diz Abijaodi.

Os estudos podem ser baixados no site da NEGINT por meio dos links abaixo:

Interesses da Indústria na América do Sul - [Comércio](#)

Interesses da Indústria na América do Sul - [Investimentos](#)

## **PMI industrial do Brasil cai de 47,2 em julho para 45,8 em agosto, informa Markit**

02/09/2015 – Fonte: EM.com

O índice de gerentes de compra (PMI, na sigla em inglês) da indústria caiu de 47,2 em julho para 45,8 em agosto, permanecendo abaixo da marca de 50 pelo sétimo mês consecutivo, o que indica contração da atividade, segundo dados publicados nesta terça-feira, 1, pela Markit Economics. Trata-se do menor nível desde setembro de 2011.

Segundo a pesquisa, a inflação dos preços do produtor acelerou em meio ao aumento dos custos de importação, uma situação agravada pela depreciação do real ante o dólar. O fraco desempenho da indústria se deve ao recuo nos níveis de produção e de novos pedidos, pelo sétimo mês seguido nos dois casos.

O volume de novos pedidos do exterior também registrou queda, refletindo pressões competitivas e desaceleração da demanda global. A inflação dos custos dos insumos, por sua vez, bateu recorde de alta de 22 meses em agosto, sendo que parte dessa carga foi repassada aos clientes.

## **Brasil segue como sétimo mercado global**

02/09/2015 – Fonte: Automotive Business

O Brasil vai se consolidando em 2015 como sétimo maior mercado global de veículos, ao encerrar o acumulado entre janeiro e julho com 1,48 milhão de unidades vendidas, entre automóveis e comerciais leves, representando queda de 20% sobre resultado de igual período do ano passado.

De acordo com dados divulgados pela Jato Dynamics, desde o fim do primeiro trimestre deste ano o País foi ultrapassado por Alemanha, Grã-Bretanha e Índia, que passaram a ocupar a quarta, quinta e sexta posições do ranking, respectivamente.

O Brasil encerrou o ano passado como quarto maior mercado, atrás apenas de China, Estados Unidos e Japão, que seguem nas mesmas colocações em 2015.

Há um ano, o Brasil ainda estava à frente de Grã-Bretanha e Índia. No fim de julho de 2014, o País era o quinto colocado, com 1,86 milhão de veículos, mas já havia sido ultrapassado pela Alemanha.

No fim do ano, conseguiu reverter a situação por pouco, retornando à quarta posição, deixando o mercado alemão para trás pela diferença de apenas 67 mil unidades.

Com previsão de queda das vendas no mercado interno para este ano, de até 20,6%, conforme projeções da Anfavea, para 2,77 milhões de veículos, o Brasil deve encerrar 2015 nesta mesma sétima posição, uma vez que as vendas da Alemanha cresceram 5,5% no acumulado até julho, para mais de 2 milhões de unidades.

Grã-Bretanha também apresentou resultado positivo, com alta de 7,7% na mesma base de comparação, para 1,76 milhão de unidades emplacadas até julho. A Índia confirmou vendas 4,6% maiores neste ano, com 1,74 milhão.

A China continua como maior mercado mundial no acumulado, com 12,2 milhões de veículos vendidos nos sete meses fechados do ano, embora tenha sido ultrapassado pelos Estados Unidos no resultado mensal de julho.

O gigante asiático apresentou em agosto a segunda queda consecutiva de vendas. O Japão segue na terceira colocação, apesar da queda de 10,7% das vendas, para pouco mais de 3 milhões de veículos. Todos os dados consideram apenas veículos leves, inclusive comerciais, exceto pela China, que inclui apenas automóveis.

Países	Acumulado Julho 14	Acumulado Julho 15	Var% Acum. Jul 2014-2015	Posição Acum. Jul14	Posição Acum. Jul15
EUA	9.597.063	10.036.181	4,6%	2	2
China	11.634.087	12.201.206	4,9%	1	1
Japão	3.428.532	3.060.618	-10,7%	3	3
Alemanha	1.934.179	2.040.897	5,5%	4	4
Índia	1.670.276	1.746.300	4,6%	6	6
Brasil	1.862.528	1.489.261	-20,0%	5	7
Grã Bretanha	1.640.468	1.766.259	7,7%	7	5
Canadá	1.087.295	1.112.355	2,3%	10	9
França	1.321.006	1.383.205	4,7%	9	8
Coreia do Sul	931.144	994.582	6,8%	12	11
Itália	943.364	1.077.360	14,2%	11	10
Rússia	1.410.697	926.004	-34,4%	8	12
Espanha	605.604	745.030	23,0%	15	13
Austrália	631.840	652.302	3,2%	14	14
Turquia	344.212	512.153	48,8%	20	16

## FABRICANTES

O Grupo Volkswagen mantém a liderança do mercado global com 4,45 milhões de veículos vendidos de janeiro a julho, embora o volume seja 1% menor que o registrado no mesmo acumulado do ano passado, quando entregou 4,5 milhões de unidades. A vice-líder Toyota segura a posição com 4,14 milhões de veículos, também queda de 2,7% no comparativo anual.

A GM figura na terceira posição, com 3,4 milhões de unidades, recuo de 3,1% sobre janeiro-julho de 2014. DOs dez maiores fabricantes presentes no ranking, apenas Ford (4ª posição), FCA (7ª) e Nissan (8ª) apresentaram crescimento das vendas globais nos sete meses do ano, segundo a Jato Dynamics.

Grupos	Julho 2014	Julho 2015	Var% Jul 2014-2015	Acum. Jul 2014	Acum. Jul 2015	Var% Acum. Jul 2014-2015
VOLKSWAGEN	742.456	703.674	-5,2%	4.501.613	4.454.594	-1,0%
TOYOTA	718.893	698.007	-2,9%	4.260.168	4.145.444	-2,7%
GM COMPANY	580.830	554.035	-4,6%	3.517.787	3.407.121	-3,1%
HYUNDAI	533.346	514.273	-3,6%	3.193.223	3.169.325	-0,7%
FORD	469.021	467.330	-0,4%	2.793.525	2.845.978	1,9%
HONDA	342.888	370.732	8,1%	2.222.227	2.203.429	-0,8%
FCA	368.243	362.050	-1,7%	2.119.761	2.179.890	2,8%
NISSAN	350.123	348.760	-0,4%	2.079.499	2.145.818	3,2%
PSA	204.252	207.710	1,7%	1.357.167	1.345.896	-0,8%
SUZUKI	197.328	202.288	2,5%	1.309.600	1.238.320	-5,4%

Source: JATO Dynamics

## Harman inaugura fábrica em Manaus

02/09/2015 – Fonte: Automotive Business



A Harman do Brasil vai inaugurar fábrica em Manaus (AM) dia 28 de setembro, concretizando um projeto iniciado há pouco mais de um ano com o objetivo de concorrer no mercado brasileiro de sistemas para infoentretenimento automotivo, oferecendo equipamentos e softwares.

Com investimento de R\$ 100 milhões, a empresa vai produzir sistemas de navegação, rádios conectados e módulos de telemática. A unidade, que já opera com produção piloto, abrigará 250 funcionários até sua inauguração formal.

Como não há fontes de suprimento locais para os componentes eletrônicos sofisticados exigidos na montagem dos equipamentos, a Harman precisa recorrer à importação. Flavio Sakai, diretor de marketing e vendas, explica que a dependência a compras no exterior varia caso a caso, na faixa de 65% a 90% do valor do equipamento.

“A maior contribuição local está na logística, montagem e teste do produto final”, afirma. Há um ano e meio na empresa, ele participou da estruturação da operação em Manaus e constituição da equipe de profissionais, aproveitando a experiência adquirida em sua passagem pela Siemens, VDO e Continental, antes de se juntar à Harman.

A empresa já tem instalações fabris e administrativas também em Nova Santa Rita, nas proximidades de Canoas (RS), onde fabrica alto-falantes para eventos e o aftermarket automotivo.

A partir de novembro serão montados produtos para fabricantes de veículos. A Life Style, uma das linhas de produtos mais conhecida da Harman na área de consumo, inclui fones de ouvido, alto-falantes e home theaters.

Outra atividade da companhia é o fornecimento de soluções conectadas para o setor automotivo, como o cloud service disponível nos novos Duster, Sandero e Logan, que permite gerenciar a interface do sistema multimídia dos veículos com Facebook e Twitter, entre outras aplicações.

## **OPERAÇÃO GLOBAL**

A Harman reúne 25 mil profissionais globalmente e registrou vendas de US\$ 5,9 bilhões no ano fiscal encerrado em 31 de março. A marca provê tecnologia e serviços de integração para os mercados automotivo, de mobilidade e telecomunicações.

“Mais de 25 milhões de veículos estão equipados com nossos sistemas de conectividade, áudio e infotainment”, esclarece Sakai. A empresa possui marcas de prestígio como AKG, Harman Kardon, Infinity, JBL, Lexicon, Mark Levinson e Revel, que atendem audiófilos, músicos e iniciativas na área de entretenimento.

## **Agrale define preços da nova linha Marruá**

02/09/2015 – Fonte: Automotive Business



Marruá AM 200 com cabine dupla tem preço sugerido de R\$ 197.050. A Agrale definiu os preços da nova geração do utilitário Marruá. A versão mais acessível, AM 200 com cabine simples, parte de R\$ 170,9 mil. O chassi-cabine AM 300 (R\$ 187 mil) tem como destaque a capacidade de carga de 3.165 quilos.



Em todas as opções o Marruá utiliza motor turbodiesel Cummins ISF 2.8 de 150 cavalos, câmbio manual Eaton de cinco marchas e tração nas quatro rodas.

Tanque para 100 litros, direção hidráulica, tacógrafo eletrônico, computador de bordo e controlador automático de velocidade também são itens de série. Ar-condicionado, snorkel, faróis auxiliares e guincho estão na lista de opcionais. A caixa de redução é de série no AM 300 e opcional no AM 200. A versão AM 200 com cabine dupla e caçamba tem preço sugerido de R\$ 197.050.

## **Setor de robótica é um dos destaques da Intermach 2015**

02/09/2015 – Fonte: CIMM

Uma das principais novidades na Intermach 2015 é a participação de empresas de robótica. Entre elas destacam-se Roboter iN, Mectrol, Instituto Avançado de Robótica (I.A.R.) e ITA/Senai-SC. Adicionalmente, a feira é palco do Torneio de Robótica Móvel, organizado pelo Senai de Joinville.

A Roboter iN estreia na Intermach e promete proporcionar uma experiência diferenciada sobre automação industrial para os clientes e visitantes interessados. A empresa é a única Kuka Roboter Official Strategic Partner do Brasil, sendo especialista em serviços de instalação, programação, manutenção de robôs Kuka, treinamentos e vendas de células robotizadas.

Os robôs são destinados à automação industrial em diferentes processos: soldagem, usinagem, paletização, manipulação e pintura. “São as máquinas mais inovadoras e com o mais alto desempenho do mercado, além de apresentarem um alto grau de versatilidade”, explica Tiago Josué Batista, gestor de projetos.

Com uma proposta inovadora, o Instituto Avançado de Robótica - I.A.R. ocupa um espaço de 100 m<sup>2</sup> e leva para a feira a carreta de Unidade Móvel de Treinamento de Alta Tecnologia dedicada exclusivamente ao ensino de Robótica Industrial.

A novidade é lançamento no Brasil e a carreta possui duas salas de aula de última geração, onde os profissionais de diferentes segmentos do mercado de trabalho e da indústria 4.0 são capacitados e qualificados com alto padrão de treinamento nos mais diversos níveis de complexidades.

“Trata-se da maior e mais avançada tecnologia de ponta e inovação no segmento de mecatrônica em nível nacional”, enfatiza Rogério Vitalli, diretor executivo do I.A.R.

Além da Unidade Móvel, os visitantes podem conferir o portfólio de serviços na área de treinamentos de alto nível em programação e manutenção de robôs industriais dos fabricantes: ABB, Kuka, Fanuc e Motoman.

Já a Mectrol do Brasil, representante exclusiva da Hiwin, apresenta o robô articulado de 6 eixos da Hiwin. De acordo com a empresa, o robô é um manipulador, flexível, com ótima repetibilidade e com alta velocidade de posicionamento, que pode ser programado para executar qualquer tarefa numa linha de manufatura dentro da sua capacidade de carga útil e alcance.

Além disso, pode executar um conjunto de tarefas com facilidade e com pouca intervenção manual, “o que é muito positivo dentro das indústrias de manufatura”, observa Prof. Dr. Edwin Avólio, responsável pela Divisão de Robótica da Mectrol Hiwin do Brasil.

Com a proposta de apresentar um estande temático, o Senai/SC e o ITA compartilham um espaço para apresentar as tecnologias chave da Indústria 4.0, também conhecida como 4ª Revolução Industrial. No estande serão abordados sistemas de manufatura, Laser e sistemas embarcados, potenciais pesquisas e cursos voltados para a área.

Além dos expositores acima, durante os quatro dias de Intermach, das 15h30 às 20h30, ocorre o Torneio de Robótica Móvel. A competição será um simulado de preparação para a Etapa Estadual da Olimpíada do Conhecimento que acontece em outubro. Quatro alunos da instituição, distribuídos em duas equipes, participarão do torneio.

### **Serviço**

Intermach 2015 - Feira e Congresso Internacional de Tecnologia, Máquinas, Equipamentos, Automação e Serviços para a Indústria Metalmeccânica

Data: 1 a 4 setembro de 2015

Horário: 14h às 21h

Local: Expoville – Joinville/SC – Brasil

Organização: Messe Brasil

### **Sindicalistas e governo debatem o Programa de Proteção ao Emprego**

02/09/2015 – Fonte: Senado Notícias

Sindicalistas e representantes do governo debateram em audiência pública nesta terça-feira a [Medida Provisória 680/2015](#), que permite a empresas em dificuldades financeiras reduzirem a remuneração e a jornada de trabalho de seus empregados em até 30%.

Como garantia, os trabalhadores não podem ser demitidos sem justa causa por até 16 meses. Para a senadora Regina Souza (PT-PI) a proposta de redução temporária dos salários combinada com a garantia da manutenção dos empregos não é ideal para os sindicalistas, mas pode ser uma solução para o atual momento de crise econômica.

### **Ingersoll Rand participa da Intermach 2015 e reforça seu suporte local na região Sul do Brasil**

02/09/2015 – Fonte: CIMM

A Ingersoll Rand, líder global em sistemas de ar comprimido e serviços, ferramentas pneumáticas e equipamentos de manuseio de materiais e gerenciamento de fluídos, participa da Intermach (Feira Internacional de Tecnologia, Máquinas e Equipamentos), de 1 a 4 de setembro de 2015, nos pavilhões Expoville, em Joinville – Santa Catarina, Brasil.

A Ingersoll Rand irá apresentar suas soluções de ar comprimido, incluindo a linha Série-R de compressores de ar de parafuso rotativo lubrificado, com velocidade variável de dois estágios; e soluções de gerenciamento de fluídos ARO, com suas bombas pneumáticas de duplo diafragma e de pistão, com destaque para seu novo controlador inteligente e a bomba sanitária FDA em aço inox para processos de alimentos e bebidas.

Os produtos estão disponíveis em toda a América Latina.

“Participar da Intermach é muito importante para a Ingersoll Rand, seja pelo potencial de negócios, como também para reforçar parcerias”, afirma Fred Del Grande, líder de território de vendas Brasil para a divisão Sistemas de Ar Comprimido e Serviços.

Há mais de seis décadas no Brasil, a Ingersoll Rand tem apoiado as indústrias brasileiras, ajudando a desenvolver negócios mais competitivos na região.

## **Distribuidor PNX**

A PNX é um distribuidor autorizado da Ingersoll Rand que atua no Sul do Brasil e comercializa compressores de ar e serviços, ferramentas pneumáticas e equipamentos de manuseio de materiais e gerenciamento de fluídos.

## **Informações sobre o evento**

Intermach 2015: Feira e Congresso Internacional de Tecnologia, Máquinas, Equipamentos, Automação e Serviços para a Indústria Metalmeccânica

Data: 1 a 4 de setembro de 2015

Horário: das 14 às 21 horas

Local: Expoville – Joinville/SC – Brasil

## **Produção industrial encolhe 1,5% em julho, muito acima do esperado**

02/09/2015 – Fonte: O Globo

A produção industrial encolheu 1,5% em julho frente a junho, informou o IBGE nesta quarta-feira. O resultado fica muito acima do previsto por analistas, cujas projeções variavam entre 0,1% e 0,2%.

Em relação ao mesmo mês de 2014, o setor caiu 8,9%. No ano até julho, a queda é de 6,6%. Já no acumulado de 12 meses, a indústria tem retração de 5,3%.

É a décima sétima taxa negativa seguida na comparação com julho do ano passado, o que representa desempenho negativo há quase um ano e meio.

Com relação ao mês anterior, é a segunda variação negativa consecutiva, acumulando recuo de 2,4%. A produção industrial caiu 0,3% em junho, após alta de 0,6% em maio.

## **DESEMPENHO RUIM NO PIB TRIMESTRAL**

O resultado ruim para a indústria já tem sido observado em outras pesquisas do IBGE. Na última sexta-feira, o instituto anunciou a retração de 1,9% do PIB no segundo trimestre de 2015.

Segundo os dados, a indústria contraiu 4,3% em relação ao primeiro trimestre, a pior desde o primeiro trimestre de 2009, quando encolheu 5,9%.

O número foi influenciado fortemente pelas quedas de 8,4% do segmento da construção civil e 3,7% da indústria de transformação. A atividade de eletricidade e gás, água e limpeza urbana caiu 1,5%.

Apenas a indústria extrativa teve desempenho positivo, com alta de 0,3% no período.

Na comparação com o segundo trimestre de 2014, o setor industrial registrou variação negativa de 5,2%. Nesta relação, a indústria da transformação e a construção civil responderam por quedas de 8,3% e 8,2%, respectivamente.

Já a produção de energia e distribuição de eletricidade, gás e água caiu: 4,7%, recuo puxado pela redução do consumo de energia, tanto residencial como não-residencial, e o uso mais intensivo das usinas termelétricas, cujo preço mais alto impacta negativamente no PIB.

## **Fitch: previsão de déficit primário destaca dificuldade de consolidação fiscal do Brasil**

02/09/2015 – Fonte: Época Negócios



As mudanças no cenário fiscal para 2016 anunciadas na segunda-feira (31) pelo governo brasileiro colocam a tendência para obtenção de superávits primários "muito abaixo" do cenário-base usado pela agência de classificação Fitch em sua última revisão do rating do país e o futuro da nota dependerá da trajetória de crescimento e das dinâmicas fiscal e de dívida.

"Essas revisões para baixo colocam a tendência para obtenção de superávits primários muito abaixo do cenário-base usado pela Fitch em abril", disse a analista Shelly Shetty, da Fitch, em comentários por e-mail, referindo-se ao momento em que revisou a perspectiva do rating do Brasil para "negativa", mas manteve classificação em "BBB", a penúltima nota dentro da faixa considerada como grau de investimento.

"A trajetória de crescimento e as dinâmicas fiscal e de dívida vão determinar o futuro dos ratings do Brasil", escreveu ela.

Na segunda-feira, o governo brasileiro apresentou ao Congresso Nacional uma proposta orçamentária com previsão de déficit primário da União de R\$ 30,5 bilhões, em meio a um cenário recessivo e de dificuldades para aprovar medidas de ajuste fiscal.

"A revisão do alvo para um déficit primário no próximo ano, que vem após a revisão para baixo de julho das metas de superávit primário para os próximos anos, destaca a dificuldade que o Brasil está enfrentando na consolidação fiscal", acrescentou a analista da Fitch.

A Fitch é a única das três maiores agências de classificação de riscos que ainda coloca o Brasil a dois degraus de distância do território especulativo. Na Moody's e na Standard & Poor's, o Brasil está a um degrau de perder o selo de bom pagador.

## **Petrobras reajusta em 15% o preço do gás de botijão, diz Sindigás**

02/09/2015 – Fonte: Época Negócios

A Petrobras reajustou nesta terça-feira (01/09) em 15%, o preço médio do Gás LP, o gás de botijão, em suas refinarias, informou o Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Gás Liquefeito de Petróleo (Sindigás), em nota oficial. Com isso, a expectativa da instituição é de repasse de preços ao consumidor.

"O Sindigás esclarece que, como os preços são livres em todos os elos da cadeia e o mercado tem autonomia para fixá-los, a alta do preço do produto nas refinarias aumenta a pressão de custos sobre o Gás LP para o consumidor final", afirma em nota.

## Donos da CSN enfrentam dificuldades para reduzir endividamento de holding

02/09/2015 – Fonte: Estado de S. Paulo



O elevado endividamento da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), que já colocou uma série de ativos à venda para melhorar a situação financeira, deixa a família Steinbruch, dona da empresa, diante de uma situação mais complicada para equacionar suas próprias dívidas.

Por meio de empresas de participação (holdings), os controladores alavancaram a compra da CSN e utilizaram, ao longo dos anos, os ganhos recebidos da própria siderúrgica para pagar os juros.

Agora, com a possibilidade de redução dos dividendos e aumento do custo da dívida, que acompanha a taxa básica de juros da economia (Selic), os membros da família estão negociando alternativas para defender seu patrimônio.

O endividamento das holdings da família Steinbruch, Rio Iaco e Vicunha Aços, soma cerca de R\$ 3 bilhões, enquanto os juros anuais estariam em torno de R\$ 300 milhões e R\$ 400 milhões, já embutindo a movimentação recente da Selic.

Para fazer frente a esses compromissos, a CSN precisaria distribuir anualmente, entre dividendos e juros sobre capital próprio, algo entre R\$ 600 milhões e R\$ 800 milhões de forma a evitar que a família precise tirar dinheiro do bolso para pagar a remuneração aos credores, afirmou ao **Broadcast**, serviço em tempo real da *Agência Estado*, uma fonte próxima ao assunto.

Agora, no entanto, a companhia está deixando de figurar na lista das maiores distribuidoras de dividendos, onde ganhou espaço nos últimos anos, a despeito do ambiente desfavorável vivido pelo setor siderúrgico.

Depois de pagar cerca de R\$ 500 milhões no primeiro trimestre do ano, a CSN já anunciou que os dividendos estão, neste momento, fora da agenda da empresa, diante do esforço de redução das dívidas. Procurados, a CSN e Benjamin Steinbruch não comentaram.

A dívida da família Steinbruch foi contraída para comprar a fatia dos Rabinovich, seus antigos sócios, e pagar o BNDES na época do descruzamento das ações da CSN e Vale.

**Composição.** A dívida da Rio Iaco, que tem participação de 4,2% na CSN, está atrelada a debêntures de R\$ 1,656 bilhão, com juros de 114,75% do CDI, que estariam em poder do Bradesco.

A Vicunha Aços, controladora da CSN com 51,3%, é emissora de R\$ 797 milhões de debêntures que estão com o Banco do Brasil e vêm de uma rolagem também de debêntures da Vicunha Siderúrgica, como parte da estrutura financeira montada para adquirir a CSN décadas atrás.

Pessoas próximas ao realinhamento das dívidas da CSN afirmam que as conversas envolvem todo o grupo. A intenção seria preservar o patrimônio da família. As debêntures da Rio Iaco, detidas pelo Bradesco, e as da Vicunha Aços, que estão com o BB, possuem como garantia real ações da CSN detidas pelas holdings.

A emissão de debêntures da Rio Iaco, por exemplo, possui como garantia fiança prestada por "Rio Purus Participações S.A, Dorothea Steinbruch e Benjamin Steinbruch" e, além disso, a alienação fiduciária de ações ordinárias da CSN. Conforme fontes, hoje a dívida da família já corresponde a cerca de um terço da participação na CSN, que estaria empenhada com os bancos credores.

**A companhia.** A dívida elevada vem pressionando a CSN, que montou uma agenda financeira para ajustar sua situação. Neste ano, a companhia contratou Paulo Caffarelli, que ganhou a missão de montar uma força tarefa para reduzir o endividamento e a alavancagem, em meio a um cenário de demanda comprometida por aço no mercado interno e de ciclo de baixa do minério de ferro.

Caffarelli fez carreira no Banco do Brasil, maior credor da CSN, além de ter passagem pelo ministério da Fazenda. Outros importantes credores, segundo fontes, são o Bradesco e a Caixa. Uma das frentes da siderúrgica tem sido a venda de ativos fora do negócio principal (core business). Nessa estratégia, BB, Bradesco BBI, Credit Suisse e Goldman Sachs estão cada um com alguns ativos em mãos em busca de compradores.

A dívida líquida ajustada da CSN ao fim de junho estava em R\$ 20,769 bilhões. A alavancagem da companhia, medida pela razão de dívida líquida e Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização), atingiu 5,61 vezes ao final do segundo trimestre deste ano. O indicador era de 2,71 vezes no mesmo período de 2014 e estava em 4,76 vezes nos três primeiros meses deste ano.

O alerta entre investidores se traduz pelo comportamento dos bônus de dívida da empresa, que despencaram cerca de 30% logo após a divulgação do balanço do segundo trimestre. Desde então, operam em níveis que sinalizam temores de calote ou reestruturação de dívida.

No exterior, também se comenta sobre o endividamento das holdings e eventual impacto nos papéis. Os estrangeiros aguardam agora a venda de ativos, acreditando que esta será a saída mais rápida para as atuais dificuldades da companhia. R\$ 20,769 bi era a dívida líquida ajustada da CSN em junho, valor que colocava o índice de alavancagem da companhia em 5,61 vezes o Ebitda, contra 2,71 em junho de 2014.

## **Fmcom promove debate sobre o papel da liderança em tempos de crise**

02/09/2015 – Fonte: R7

Economia instável, cenário político confuso e mercado nervoso. O ambiente de negócios no Brasil já teve dias melhores. Mas, apesar desse clima, empresas e profissionais precisam seguir adiante com seus projetos e continuar a produzir.

Como fazer isso? Como essas incertezas afetam o desempenho das pessoas e a gestão de pessoas nas organizações?

Essas questões abriram o debate promovido pela fmcom e o Ateliê de Pesquisas em mais uma edição do CI+ 10, na Casa do Saber, em São Paulo.

Criado para identificar e favorecer a reflexão de temas que estejam na pauta de executivos e gestores de grandes corporações, o CI + 10 debateu nesse segundo



encontro o papel da Liderança em tempos de Crise - como as áreas de RH e de Comunicação se alinham na busca de um ambiente transparente e construtivo para colaboradores e gestores.

Cerca de 30 executivos e coordenadores dessas áreas compartilharam visões, desafios e soluções que estão encontrando nas suas respectivas organizações para apoiar uma liderança já tão atribulado a manter suas equipes alinhados aos propósitos e valores da empresa, com uma comunicação responsável e assertiva.

"As pessoas precisam ter informação. As empresas precisam estar atentas e estabelecer e alimentar um canal formal de comunicação. Caso contrário, as pessoas irão criar suas próprias verdades, algo que alimente sua necessidade de ter horizontes. E isso é muito ruim", observou Felipe Cortoni, diretor do Ateliê de Pesquisas.

No debate participaram gestores da L'Oreal, Johnson & Johnson e Alpargatas, além de uma plateia formada por coordenadores de comunicação e de RH de grandes empresas.

"Ouvir o outro é, provavelmente, o ponto-chave. Ouvir o par, o cliente interno e externo, a liderança e a base da equipe. Aprender a ouvir, para falar melhor", concluiu Felipe Queen, diretor da fmcom.

A fmcom é uma das principais provedoras de soluções em comunicação interna, brand management, ações promocionais e institucionais para grandes organizações, referência na coordenação e edição de relatórios anuais e de sustentabilidade.

Através da conjugação dos métodos quantitativo e qualitativo, o Ateliê de Pesquisa Organizacional se especializou em pesquisas de opinião dentro de empresas, e na fronteira das empresas com seus principais stakeholders, atuando nas áreas de Clima e Cultura Organizacional, entre outros.

## **Reajustes salariais estão na mira dos cortes do governo**

02/09/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo

As possibilidades de cortes mais imediatos de despesas no projeto de Orçamento de 2016 se concentram em reajustes salariais e obras públicas, opções indigestas para a administração federal e a economia nacional.

Melhoras na remuneração do funcionalismo e investimentos em infraestrutura respondem pelas maiores fatias do aumento voluntário do gasto federal na proposta orçamentária, enviada ao Congresso com previsão de um rombo de R\$ 30,5 bilhões no caixa do Tesouro Nacional.

Cobertor pequeno - Governo tem pouca margem para fazer cortes e tentar diminuir deficit em 2016

Projeta-se no texto um aumento de R\$ 21,7 bilhões na folha de pessoal, dos quais R\$ 16 bilhões –equivalentes a mais da metade do deficit esperado– referentes a contratações e reajustes nos vencimentos dos servidores.

A reversão dessas medidas, no entanto, é improvável: pressionada por greves e reivindicações das corporações, a presidente Dilma Rousseff propôs reajustes de 21,3% parcelados nos próximos quatro anos, insuficientes para repor a inflação acumulada em seu governo.

Também não seria simples voltar atrás na expansão de R\$ 7,2 bilhões para as obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento). Esses investimentos foram as principais vítimas do ajuste fiscal que vem sendo conduzido pelo ministro Joaquim Levy (Fazenda).

De R\$ 57,7 bilhões, no ano eleitoral de 2014, a verba do PAC caiu para os R\$ 35,2 bilhões autorizados em 2015. Mesmo com o acréscimo no Orçamento do próximo ano, nem mesmo os patamares de 2013 seriam recuperados.

## **DESPESAS SOCIAIS**

Ainda mais difíceis são as possibilidades de cortes nas despesas sociais que respondem pela larga maioria dos desembolsos da União – nesses casos, a redução depende da aprovação do Congresso e/ou de um desgaste político do qual o governo Dilma não pode se dar ao luxo neste momento de crise.

É impensável, por exemplo, cancelar a correção monetária do salário mínimo para fazer cair a despesa adicional de R\$ 64,3 bilhões em benefícios previdenciários, trabalhistas e assistenciais.

Mesmo despesas classificadas como não obrigatórias são, na prática, quase intocáveis. É o caso dos 33,3 bilhões reservados para custeio e investimentos em educação – a prioridade declarada do segundo mandato da presidente – e os R\$ 28,8 bilhões do Bolsa Família.

## **Peso dos encargos não é justo com os trabalhadores nem com empresários**

02/09/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo

Quando você abre uma empresa, colocar na ponta do lápis os custos de um funcionário é uma das contas mais dolorosas.

Na outra ponta, a pessoa que acabou de ser demitida precisa de uma recolocação no mercado de trabalho e, devido à crise econômica e aumento do desemprego no país, hesitará menos na hora de considerar uma proposta, ainda que sem carteira assinada.

Se antes de a crise avançar —com as taxas de desemprego ainda sob controle— a informalidade já encontrava espaço para se instalar, no cenário atual ela acha ainda mais brecha para continuar crescendo.

Recentemente, os dados do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) do Ministério do Trabalho mostraram que, somente em julho, foram fechados quase 158 mil postos de trabalho no país. Para julho, este é o pior resultado desde 1992.

E ao passo que o desemprego medido pelo IBGE avançou para 7,5% no mês passado, o maior patamar nos últimos cinco anos, matéria da **Folha** mostrou que as vagas de carteira assinada encolheram 3,1% no mesmo mês. Em números absolutos, 359 mil vagas formais a menos. Ao mesmo tempo, o mês de julho contou com 59 mil pessoas a mais em atividades informais.

Nos últimos dias, a discussão do projeto de lei que avalia mudanças na remuneração do FGTS, em análise no Senado, ganhou destaque no noticiário. No entanto, muito além de discutir o modelo desta mudança, é preciso pensar na forma como a lei trabalhista configura o mercado de trabalho atualmente.

A conta para manter um funcionário formal em uma empresa com regime tributário de lucro presumido não agrada ninguém. Se o empregado tem um salário de R\$ 1.000, o

empregador tem um custo de aproximadamente R\$ 1.700 para mantê-lo. Se esse funcionário gera um resultado em torno de R\$ 1.500, os dois saem injustiçados e ficam insatisfeitos.

O trabalhador por gerar mais lucro do que o salário que recebe, o empresário por ter mais despesas para manter sua mão de obra do que resultados.

Não bastasse toda a complexidade desse cenário, os resultados da Pnad Contínua, divulgados pelo IBGE, mostraram que a taxa de desemprego subiu 8,3% no segundo trimestre deste ano.

O número de vagas diminuiu, mas a força de trabalho no país cresceu, com o ingresso de jovens que antes viviam sustentados pela família, mas agora precisam ajudar em casa.

Se o agravamento da crise e o aumento do desemprego pressionam os jovens a buscarem trabalho mais rapidamente, temos aqui mais um desequilíbrio, já que muitos deles encontrarão alternativas na informalidade.

Injusto para quem paga os impostos —porque também acaba pagando pelos informais—, mas também difícil de questionar quem trabalha informalmente, tendo em vista o cenário que enxuga as oportunidades de vagas formais.

Se por um lado o Congresso enxerga o viés político de tratar a questão do FGTS neste momento, no âmbito econômico, pensar nos encargos trabalhistas no momento em que o desemprego e informalidade avançam parecer ser uma questão mais urgente.

(Samy Dana: Ph.D em Business, doutorado em administração, mestrado e bacharelado em economia).

## **Tragédia fiscal**

02/09/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo

À medida que se aproximava a necessidade de apresentar ao Congresso a proposta orçamentária para 2015, aumentava o conhecimento da verdadeira situação fiscal a qual chegamos depois do laxismo de 2014. É, agora, cada vez mais difícil convencer os cidadãos em geral, e o mercado em particular, que o governo ainda controla da situação.

Como ele não conseguiu recuperar a confiança da sociedade, o "ajuste fiscal" não foi acompanhado pela necessária volta da esperança de crescimento do setor privado.

A validade da hipótese que sustenta a ideia que o anúncio de um "forte ajuste fiscal pelo corte das despesas" pode promover o crescimento depende de um pequeno detalhe: a credibilidade do governo deve ser tamanha, que diante de seu simples anúncio, o setor privado se antecipa e mobiliza as suas forças.

A vista dos recursos que serão liberados pelo ineficiente setor-governo abre-lhe a "expectativa" de crescimento, o que reacende o seu "espírito animal".

Isso amplia os investimentos e, logo depois, o crescimento. Infelizmente, isso é mais uma das patranhas que os economistas gostam de contar para si mesmos. Ela levou ao exagero a "expectativa racional" dos pobres agentes, até torná-la apenas um elegante jogo lógico de sucesso nas reuniões litero-musicais.

O que está acontecendo não tem nada a ver com o ilustre ministro Levy nem mesmo com o seu programa de "ajuste". Aliás, não há indicação segura de que o dispêndio do governo

tenha caído. A recessão (que talvez leve a um encolhimento do PIB da ordem de 2,5% em 2015) já estava anunciada na estagnação de 2014.

A queda de 0,7% do PIB no 1º semestre de 2015, contra o último de 2014, ocorreu quando o "ajuste" não havia sido posto em prática. E para a queda de 1,9% do PIB no segundo trimestre, a contribuição do "ajuste" foi negativa.

O encolhimento do PIB vem destruindo –pela redução da receita– o já precário equilíbrio das unidades federativas, cujo grau de endividamento cresce. Elas também querem aumento de impostos, o do ICMS!

Mas, então, o que falhou? Foi a falta do reconhecimento imediato e explícito de Dilma que subestimara, sistematicamente, as dificuldades causadas pelo enorme voluntarismo da sua administração e que, por isso, iria mudar.

Quem tinha que convencer a sociedade que mudou o seu entendimento sobre os problemas econômicos não era o ministro da Fazenda "sombra", mas o titular verdadeiro, isto é, ela mesma.

Essa era a condição necessária, (ainda que não suficiente) para criar as condições mínimas de credibilidade do governo que, gostem ou não seus opositores, foi eleito legitimamente.

(Antonio Delfim Netto- Ex-ministro da Fazenda (governos Costa e Silva e Médici), é economista e ex-deputado federal).

## **Para a indústria, China ficará mais agressiva nas exportações**

02/09/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo

A necessidade de elevar as exportações para atingir a sua meta de crescimento para este ano levará a China a adotar uma postura mais agressiva nas exportações. Essa é a avaliação da indústria brasileira, que sofre a concorrência dos chineses.

"A China já entrou com agressividade lá atrás e vai intensificar esse modelo para tentar exportar mais", afirma Renato da Fonseca, gerente-executivo de Pesquisa e Competitividade da CNI (Confederação Nacional da Indústria).

Nas últimas semanas, a China adotou medidas para estimular suas vendas externas: desvalorizou o câmbio, reduziu a taxa de juros e o depósito compulsório -as últimas visando elevar o crédito.

Para economistas, a estratégia será bem-sucedida. "Uma desvalorização de 2% ou 3% no yuan ajuda as exportações de muitas empresas chinesas, que têm uma margem de lucro muito pequena. A China é uma economia de escala mundial, eles não têm margem", afirma Hsia Hua Sheng, professor da Fundação Getulio Vargas.

Segundo Sheng, sondagens realizadas por ele com empresas no Brasil indicam que os fornecedores chineses já reduziram seus preços.

Desde que a China promoveu a primeira a desvalorização cambial, em 11 de agosto, o yuan perdeu 2,46% de valor em relação ao dólar. "A moeda continua tendo minidesvalorizações, e muitas multinacionais e analistas já falam numa taxa de 6,50", diz Scheng. Nesta terça (2), cada dólar valia 6,36 yuans.

"Vamos ter um mercado ainda mais difícil. Temos que fazer o nosso dever de casa: facilitar as nossas exportações, reduzindo burocracias e tributos, e retomar acordos comerciais", diz Fonseca.

Para ele, o país também deve apostar nos EUA, o maior importador de produtos industrializados brasileiros depois do Mercosul. "Precisamos aproveitar essa retomada nos EUA, onde já estamos presentes."

## **EFEITOS**

O perfil mais agressivo da China no comércio pode afetar ainda mais as indústrias brasileiras, que vêm perdendo espaço para os asiáticos.

Segundo sondagem da CNI obtida com exclusividade pela **Folha**, 16% das empresas perderam participação no mercado doméstico para a China em 2014. Em 2010, esse percentual era de 14% e, em 2006, de 10,8%.

A pesquisa, que ouviu 2.146 indústrias em janeiro, também mostra queda no número de empresas exportadoras: passou de 35% do total em 2006 para 31% em 2010 e chegou a 24% no ano passado.

Parte desse movimento deve-se à concorrência chinesa. Segundo a sondagem da CNI, 54% das indústrias exportadoras concorrem com a China no mercado internacional. Dessas, 59% perderam clientes externos para a China e 11% pararam de exportar.

Mas, segundo Fonseca, outros fatores também contribuíram para a menor presença das empresas brasileiras no mercado internacional nos últimos anos, como o aumento de custos de produção e a valorização cambial.

"Também houve uma mudança na estratégia. As empresas abriram mão do mercado externo, por diversas dificuldades, e se voltaram para o crescimento do mercado doméstico", afirma o gerente da CNI.

Quase um terço das empresas declararam adotar estratégias para concorrer com os produtos chineses, como investir na qualidade e marca dos produtos, reduzir custos e até diminuir de forma drástica os preços.

## **PRODUÇÃO EXTERNA**

A sondagem da CNI mostra ainda que é baixo o percentual de empresas brasileiras que produzem na China -movimento que vem sendo adotado por empresas de várias partes do mundo para ganhar competitividade.

Segundo a pesquisa, apenas 3% das indústrias brasileiras produzem na China com fábrica própria, enquanto 2% terceirizam parte da produção para empresas chinesas.

O percentual de 5% das empresas que produzem na China não evoluiu em comparação com 2010 e é apenas 2 pontos percentuais superior ao registrado em 2006.

## **Indústria não pode parar de investir em P&D**

02/09/2015 – Fonte: Diário do Comércio

Em períodos de recessão econômica, é natural que as empresas diminuam o ritmo dos investimentos, especialmente em pesquisa e desenvolvimento, para se concentrarem na produção. Na opinião dos especialistas, porém, isso é um erro grave.

A inovação é apontada como uma das chaves para o aumento da produtividade e, conseqüentemente, da competitividade. Novos produtos e serviços e processos mais assertivos e sustentáveis podem ser o diferencial para manter os rumos de uma empresa e prepará-la para sair na frente quando um novo ciclo de crescimento da economia chegar.

Conseguir recursos e parceiros para essa tarefa, entretanto, pode parecer complicado, principalmente para as pequenas e médias empresas. Sem equipes especializadas para lidar com a burocracia e com todo o esforço voltado para a atividade produtiva, elas deixam, em muitos casos, de aproveitar a política de fomento oferecida no Brasil.

Para apontar caminhos para a integração empresas-institutos de pesquisa e promover a inovação nas indústrias mineiras, a Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg) e a Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (Fundep) promoveram, ontem, o "Encontro & Inovação - Apoio ao desenvolvimento da Indústria".

A iniciativa foi realizada em parceria com o Instituto Nacional de Tecnologia (INT) e o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), unidades credenciadas da Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii), e dirigido a representantes dos setores automotivo, cimenteiro, de química farmacêutica, de petróleo e gás, entre outros.

Para o vice-presidente da Fiemg, também presidente do conselho de tecnologia e inovação da Fiemg, Valentino Rizzioli, o Brasil passa por um momento muito importante, em que as instituições e as empresas precisam se unir em busca de inovação.

"As empresas não podem parar de investir em inovação. Cada minuto paralisado significa anos de atraso no futuro. Essa discussão é importante porque precisamos achar novos caminhos para a indústria", afirmou Rizzioli.

Segundo o diretor de desenvolvimento institucional da Fundep, Pedro Gatimosim Vidigal, um momento de crise é preocupante, mas sempre de oportunidade. "Os Estados Unidos superaram a crise baseados nas empresas que inovaram, especialmente as pequenas empresas. O momento é complicado, mas as empresas não podem parar. Precisam repensar seus investimentos, mas a inovação é questão de sobrevivência", apontou Vidigal.

**Incentivo** - A atuação da Embrapii foi apresentada como uma possibilidade a ser avaliada pelos institutos de pesquisa. A Organização Social, ligada ao Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e ao Ministério da Educação (MEC), faz a ponte entre as instituições de pesquisa e as empresas. Com recursos de R\$ 1,5 bilhão, a Embrapii credencia institutos que passam a ser denominados "Unidades Embrapii". "com essas unidades que as empresas se relacionam."

Segundo o diretor de operações da Embrapii, Roberto Vermulm, os objetivos da instituição são: aumentar os investimentos privados em inovação; aumentar a intensidade tecnológica/conhecimento dos projetos de P&D na indústria; diminuir os riscos dos investimentos em inovação. "Quando um instituto é credenciado já recebe recursos.

Assim, quando o projeto é aprovado, o recurso já está disponível, aumentando a agilidade do processo. Outro ponto muito interessante é a flexibilidade. Como empresa e instituto conversam sem intermediários, as mudanças podem ser feitas com muito mais agilidade. Tudo isso, claro, é acompanhado por nós, mas sem interferências no andamento diário das atividades", explicou Vermulm.

**Condições para o financiamento** - Os recursos são não-reembolsáveis. Não se trata de um empréstimo, a Unidade Embrapii e a empresa atuam como parceiros, dividindo



custos. A divisão é feita da seguinte forma: a parcela correspondente à contribuição da Embrapii será de, no máximo, um terço do valor total (financeira).

A contrapartida das empresas parceiras, no mínimo, um terço do valor total (financeira). O valor remanescente corresponderá à contrapartida da instituição de pesquisa (financeira ou não financeira).

Criada em 2012, a Embrapii já firmou 86 parcerias com empresas em um total de R\$ 212 milhões aplicados em projetos de inovação.

### **Decreto institui cobrança de IOF**

02/09/2015 – Fonte: Diário do Comércio

O governo publicou ainda decreto que acaba com a isenção de Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) para os empréstimos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

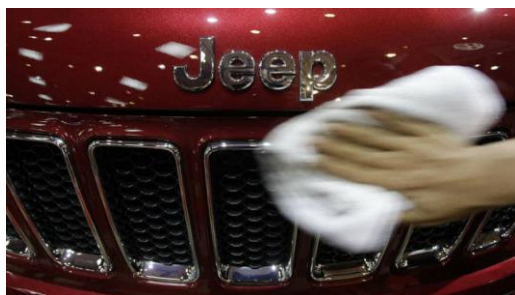
Operações realizadas desde de ontem já são tributadas com as mesmas alíquotas praticada por todo o sistema financeiro.

No crédito a empresas, o tributo é de 0,38% no momento da operação mais 0,0041% ao dia no primeiro ano do empréstimo (total de 1,88%, cobrado apenas no primeiro ano).

Para pessoas físicas, 0,38% mais 0,0082% nos 365 primeiros dias da operação (total de 3,38%). O coordenador-geral de Tributação da Receita, Fernando Mombelli, afirmou que a maior parte dos aumentos de tributos anunciados já estava em estudo e que o governo decidiu por implementá-los agora por questões de equilíbrio de receitas e despesas orçamentárias.

### **Vendas de agosto da Fiat Chrysler nos EUA crescem 2%**

02/09/2015 – Fonte: Exame



A Fiat Chrysler foi a primeira das principais montadoras a divulgar as vendas de agosto nos Estados Unidos nesta terça-feira, registrando alta de 2 por cento, acima das expectativas, impulsionada pelas vendas de picapes e utilitários esportivos.

A FCA estimou que a indústria automotiva em agosto continuará com sua tendência recente de fortes vendas que ficam acima da economia geral dos EUA, e que irá ultrapassar a estimativa de 17,3 milhões de veículos para o setor, em taxa anualizada, em pesquisa da Thomson Reuters com 47 economistas.

As vendas da FCA foram lideradas pelo utilitário esportivo Jeep, que teve uma alta de 18 por cento ante o ano passado, enquanto as vendas de picapes Ram subiram 4 por cento e

as compras de sedans Chrysler 200 saltaram 30 por cento, superando a queda de 15 por cento nas vendas da marca Dodge, disse a FCA.

A montadora ítalo-americana continuou sua sequência de meses consecutivos de números que superam as vendas do ano anterior -que está agora em 65.

### **Fibria anuncia emissão de R\$ 500 mi em CRA com a Ecoagro**

02/09/2015 – Fonte: Exame



A Fibria, juntamente com a Ecoagro Securitizadora, anunciou nesta terça-feira, 1, as condições para emissão de Certificados de Recebíveis do Agronegócio (CRA), para captar R\$ 500 milhões, conforme antecipou o Broadcast, serviço de notícias em tempo real da Agência Estado, em julho.

Se forem colocados também os lotes adicional e suplementar, a operação pode chegar a R\$ 675 milhões. O banco coordenador-líder da emissão é o Itaú BBA, com Banco Votorantim, Citibank e JPMorgan como coordenadores.

Serão emitidos 500 mil CRAs, com valor unitário de R\$ 1.000,00. O lote adicional prevê a emissão de mais 100 mil títulos, e o lote suplementar, de mais 75 mil papéis.

A data de vencimento dos certificados é 21 de outubro de 2021. A taxa de remuneração ainda será definida no processo de bookbuilding, mas não será maior que 102,5% do CDI, segundo aviso ao mercado publicado hoje pela Fibria.

Segundo o cronograma apresentado pela companhia, o período de reserva para os investidores começa no próximo dia 9 de setembro, e vai até o dia 30, quando começa o procedimento de bookbuilding.

O registro da oferta pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM) está previsto para 16 de outubro. No dia 20 de outubro, será disponibilizado o prospecto definitivo da operação, e para o dia 21, está prevista a liquidação financeira para aquisição dos papéis.

### **Indústria automotiva acumula queda de 20,2% na produção em 2015**

02/09/2015 – Fonte: Agência Brasil

A indústria de veículos automotores, reboques e carrocerias acumula queda de 20,2% na produção de 2015. De acordo com dados divulgados hoje (2) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a queda da indústria automotiva foi a que teve maior impacto no indicador geral entre os 26 ramos pesquisados pelo instituto no período de janeiro a julho.

A produção industrial do Brasil recuou 6,6% até o sétimo mês de 2015, a maior queda desde 2009, quando houve retração de 7,1%. No acumulado dos sete primeiros meses do ano, a maior queda (29%) foi registrada nos equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos. Os produtos farmacêuticos e farmoquímicos tiveram o terceiro maior recuo, de 15,5%.

Dos 26 ramos pesquisados, três acumulam resultados positivos em 2015. Os melhores desempenhos são os da indústria extrativa, com alta de 8,4%, e o de produtos diversos, com 2,9%. A indústria de celulose, papel e produtos de papel variou 0,3% entre janeiro e julho.

Em recorte das categorias de econômicas, a indústria de bens de capital foi a que mais caiu em 2015, com recuo acumulado de 20,9% desde janeiro. Os bens de consumo acumulam perdas de 8,7% na produção, chegando a 14,2% nos bens de consumo duráveis. Já os bens intermediários caíram 3,4%.

## **Perspectiva do Brasil é 'sombria', avalia Wells Fargo**

02/09/2015 – Fonte: Agência Brasil

A economia brasileira pode piorar ainda mais nos próximos meses e as perspectivas para o segundo semestre são "sombrias", avalia o Wells Fargo, terceiro maior banco em ativos dos Estados Unidos.

De queridinho entre os principais mercados emergentes do mundo, o Brasil mergulhou em uma crise da qual parece difícil achar o caminho de saída, afirma relatório divulgado nesta segunda-feira, 1, pela instituição.

Para o economista sênior do Wells Fargo responsável pela América Latina, Eugenio Aleman, a combinação da queda internacional dos preços das commodities, incertezas envolvendo o futuro da China e fatores domésticos no Brasil, como as investigações da Operação Lava Jato, além de já terem afetado a atividade econômica brasileira, sinalizam que o crescimento deve permanecer baixo por "vários anos".

O banco compara a crise atual com a de 1999, quando o Brasil, que tinha o câmbio fixo e praticamente paridade com o dólar, foi forçado a desvalorizar rapidamente o real.

Pelo lado positivo, o câmbio flexível de agora é um fator útil para absorver choques externos e deve ajudar o Brasil a enfrentar a situação adversa.

Pelo lado negativo, o cenário político agora é muito mais incerto, comenta Aleman, destacando a possibilidade de impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Há potencial no Brasil para uma ampla crise política, caso ocorra a saída de Dilma, destaca o relatório do Wells Fargo. "Mas por agora esse processo não está claro", afirma o economista.

Aleman cita que Dilma estava no Conselho da Petrobrás durante o período investigado pela Lava Jato. Mas até agora as investigações da Polícia Federal não envolveram a presidente, afirma o relatório.

## **Grau de investimento**

Economistas que acompanham o dia a dia da economia brasileira concordam que o cenário piorou. O reconhecimento do déficit de R\$ 30,5 bilhões no Orçamento da União no próximo foi um fator decisivo para essa piora.

Em entrevista ao Broadcast, serviço em tempo real da Agência Estado, o ex-diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central (BC) e sócio da Schwartzman & Associados, Alexandre Schwartzman, disse que a situação atual deve acelerar a perda do grau de investimento, espécie de atestado de bom pagador, atribuído a países e empresas por agências de classificação de risco.

"A parcela positiva da avaliação do Brasil, à parte reservas, foi a promessa de melhora fiscal, agora prejudicada pela proposta orçamentária. Isso acelera, provavelmente, o processo", disse o economista.

Quanto ao câmbio, Schwartzman avalia que o efeito de uma eventual perda do grau de investimento é sempre controverso. Mas diz desconfiar que esse cenário já estaria, em boa medida, no preço. "Deve seguir desvalorizando, mas pelos demais motivos: Estados Unidos, China e commodities, etc", previu.

Na avaliação da pesquisadora do Peterson Institute for International Economics, Monica de Bolle, o número previsto no Orçamento de 2016, se mantido inalterado, fará com que a economia brasileira acumule déficits primários por três anos seguidos. Em 2014, o déficit primário ficou em 0,6% do PIB. Neste ano, a equipe econômica trabalha com uma meta de superávit primário de 0,15% do PIB, mas ela acha bastante difícil que esse resultado seja alcançado.

"A equipe econômica pode ter tentado fazer com que o Orçamento deficitário desse uma dimensão da extensão dos nossos problemas para o Congresso", diz Mônica.

"A classe política e a sociedade brasileira têm de reconhecer que os problemas são graves e precisam fazer uma discussão muito mais séria do que a que está havendo nesse momento."

Quando assumiu o governo, o ministro da Fazenda, Joaquim Levy, chegou a prometer um superávit primário de 2% do PIB para 2016 - esse número, antes da divulgação da proposta orçamentária, já havia sido revisado para 0,7% do PIB.

"O risco de perda de grau de investimento aumentou porque a proposta deixou uma situação totalmente em aberto. Houve um aumento da incerteza, porque não existe a fonte de financiamento desse déficit", afirma Raul Velloso, especialista em finanças públicas.

## **Não há risco de racionamento de energia, diz ONS**

02/09/2015 – Fonte: Agência Brasil

O diretor-geral do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), Hermes Chipp, disse que, apesar de não estar "nas mil maravilhas", a situação atual dos reservatórios do Brasil é muito melhor que a do ano passado.

Ele descartou qualquer possibilidade de racionamento de energia. “Estamos bem. Sem risco de racionamento. Risco zero atualmente independentemente de cálculo, só olhando a vazão e o nível de armazenamento”.

Chipp informou que os reservatórios estão com 34.4 de armazenamento neste início de setembro e a transição do período úmido será em outubro. Além disso, segundo ele, a influência do fator do El Niño, que está se fortalecendo favorece as previsões.

“As chuvas do Sul em setembro tendem a aumentar. Houve um período do sistema de alta pressão, mas agora voltam a entrar as frentes e hoje já está ameaçando chuva aqui, chegando no litoral do Rio de Janeiro e em São Paulo”, afirmou.

O diretor informou ainda que houve uma reunião hoje com meteorologistas do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Cpetic/Inpe) e a previsão é de aumento das chuvas.

“Há uma previsão de que essas chuvas gradativamente aumentem e vão chegar a atingir a região do sul de Minas, onde estão as principais bacias. Então, vamos esperar que isso aconteça”, disse. “2015 não é mais preocupante”, acrescentou.

Chipp participou hoje (1º) de um debate no Brazil Windpower, encontro que reunirá até quinta-feira (3), representantes da cadeia produtiva, investidores e especialistas do setor de energia eólica, no Centro de Convenções SulAmérica, no centro do Rio.

## **Como preparar os filhos para herdar o seu negócio**

02/09/2015 – Fonte: Exame



### **Como devo preparar meus filhos para herdar um negócio? Escrito por Herbert Steinberg, especialista em empresas familiares**

O primeiro desafio de todo empresário é pavimentar os processos que levam à perpetuação da empresa e dos seus negócios. O empresário, além de lidar com as incertezas de mercado e com as mudanças constantes de competição e de tecnologia, enfrentam questões que parecem intangíveis aos olhos de qualquer desavisado mais pragmático.

A sucessão envolve mais do que suceder quem toca a companhia, quem definiu as bases e os fundamentos do DNA do empreendimento. Não é incomum a preocupação se restringir a aspectos da transferência patrimonial entre gerações, algo muito importante, mas não o único aspecto desta complexa relação.

Sucessão de legado, sucessão patrimonial e sucessão do modelo de gestão são plataformas distintas, ainda que interdependentes, que precisam ser encaminhadas de forma profissional e não doméstica. Isto não significa alijar parentes e membros do clã do processo, muito pelo contrário, mas adotar processos profissionalizados de quem tem experiência de mercado com estes delicados e complexos temas.

A questão acima "como devo preparar meus filhos..." vai além dos assuntos em torno da sucessão, pois trata também do preparo dos herdeiros para terem uma visão de empresários antes mesmo de serem formados possíveis gestores, se for o caso.

Entender o que é uma empresa, os riscos e responsabilidades que a cercam, direitos e deveres, a finitude a que estão expostas, as consequências decorrentes de uma gestão que leve a uma performance abaixo da média são os verdadeiros alicerces para a formação desta geração que assumirá a propriedade da companhia independente da sua gestão.

Os herdeiros geralmente são influenciados pelas expectativas que criamos neles, e às vezes involuntariamente geramos ruídos com graves consequências em suas vidas à frente. Fantasiam ser capitães de indústria, repetir o modelo do pai, copiar o estilo do avô, confundem vaidade, poder, posse com aquilo que lhes foi "vendido" ou por eles percebido desde a infância.

E, quando já maduros para adentrar na companhia ou nos empreendimentos, muitas vezes, veem-se inaptos, aquém do preparo exigido pela complexidade atual dos negócios, diferente à época dos pais e avós. Às vezes herdaram empresas fragmentares, endividadas ou com riscos ingerenciáveis, ou desatualizadas tecnologicamente e fora do mercado.

É necessário, portanto, durante a formação dos filhos herdeiros, criar consciência sobre todas as dimensões do processo. Criar a casca grossa necessária para trabalhar as vicissitudes empresariais e ao mesmo tempo os riscos inerentes.

Há de se cultivar também a paixão pelo negócio, além da competência técnica e emocional necessária a qualquer empresário. Ter experiência externa aos próprios empreendimentos ou negócios não é algo exótico, mas sim muito útil na formação de qualquer herdeiro.

(Herbert Steinberg é sócio da consultoria Mesa Corporate Governance)